

Passo Fundo

crônica sobre uma querência

hospitaleira



Ivaldino Tasca | texto
Irani Albuquerque Ruas | ilustrações



Ivaldino Tasca
Irani Albuquerque Ruas

Passo Fundo

crônica sobre uma querência

hospitaleira



Berthier

Passo Fundo
2010

Capa/Diagramação: Janaína Tasca Mendes

Revisão: Auda Maria dos Santos

Editoração: Ivaldino Tasca

T197p Tasca, Ivaldino

Passo Fundo : crônica sobre uma querência
hospitaleira / Ivaldino Tasca, Irani Albuquerque
Ruas. – Passo Fundo : Berthier ; Aldeia Sul, 2010.
56 p. : il. ; 29 cm

1. Literatura gaúcha. 2. Ensaios. 3. Literatura
brasileira – Rio Grande do Sul – Regionalismo.
4. Homem – Migrações. I. Ruas, Irani Albuquerque.
II. Título.

ISBN 978-85-7912-031-2

CDU: 869.0(816.5)-4

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Dedicatória

Dedicamos este trabalho aos que chegaram antes nesta querência.

Agradecimentos

Agradecemos a quem tornou possível esta publicação: Alcides Guareschi (passo-fundense de Colorado), Carmem Lobato (passo-fundense de Carazinho), Edison Airon de Almeida Machado, Daltro Wesp, (passo-fundense de Erechim), Eduardo Otto Wentz (passo-fundense de Panambi), Celso Antonio Menegaz, Humberto Falcão, José da Silva Almeida (passo-fundense de Ernestina), Manoel Antonio Falcão (passo-fundense de Portugal), Nara Marley Aléssio Rubert (passo-fundense de Cruz Alta), Paulo Roberto Salvador (passo-fundense de Viadutos), Rosemari Sakis.

Prólogo

Mapas e paisagens

Este desprendimento em partir da terra natal para outras terras deve vir de um encantamento tão particular por mapas... são tão belos os mapas... Eles lembram a infância, aquele mundo onde todos os dias são plenos de desvendar: colocar o dedo nos pontos coloridos e dizer “quando eu for grande quero morar aqui”.

Os mapas são acolhedores – é isso, os mapas são ingenuamente hospitaleiros. Aqueles em forma de globo estão em permanente viagem, tão ligado um espaço ao outro, tão acessíveis. Os mapas são próximos, eles nos aceitam. A aceitação tem essa característica de unificar a grandeza com a humildade.

O colorido dos mapas atrai, é uma combinação democrática e alegre. No centro das cores, o azul, o mesmo infinito unindo todos os continentes. O azul infinito ilumina essa alegria.

Há dinamismo em um mapa, é possível estar em um ponto e já em outro no próximo instante, e eles são uma cidade, e logo um estado, e depois uma nação, e adiante o mundo inteiro.

É vivo um mapa! Olhamos para um espaço e um imenso de memórias ferve daquela marca. E pode ser um pontinho só, ele carrega em si a história do que foi, ou a utopia do vir a ser.

Energia e vibrações pelo encontro das diferenças estão absorvidas lá. E são belas porque são outras, e são outras para poder instigar. O despertar provoca descobertas. É preciso muita vida para dar conta!

Nos mapas estão embutidas as paisagens, e elas são como os mapas: antigas e modernas, efêmeras e eternas; mas não são extinguíveis, como dizem, não as paisagens da terra que recebe, “essas” o olhar humano pereniza. Deixemos que o saudoso José Saramago nos ajude, em “Levantado do chão”, escreveu que a paisagem “de tanto existir, não se acabou ainda”.

As paisagens, há as topográficas e também as culturais. As culturais também são objetos de preservação, são um patrimônio imaterial.

Isabelle Cury chega quase a uma aproximação da paisagem com a hospitalidade, fala em espaço de “favores naturais e humanos”. A aproximação com a paisagem gera uma identidade, e isso não está relacionado à propriedade, esta terra não nos pertence, e quem pode reclamar propriedade? Estas paisagens

passofundenses resguardam-se nas histórias dos aqui chegados. Elas estão ligadas à memória e à identidade. Tantos são os navegantes...

Passo Fundo é porto de chegada. Estação de recebida. Enxergamos a paisagem da terra que recebe mais como um estado da alma (Gaston Bachelard) e menos como um cenário de fenômenos concretos e visíveis. Ela é uma sensação mais do que uma visão.

Paisagens de Passo Fundo, palco de conflitos, lutas, conquistas, decepções ou emoções: “Às vezes uma paisagem parece ser menos um cenário para a vida dos seus habitantes do que uma cortina por trás da qual suas lutas, seus marcos na paisagem não são mais geográficos, mas também biográficos e pessoais” (Peter Berger).

Nossa biografia está sendo escrita nestas páginas de Passo Fundo há duas décadas. Pensar esse sentimento é acariciar o espírito. Escrever as sensações é perigoso, confere à palavra status de representação, de significação. “Lutar com palavras é a luta mais vã” (Drummond), mas é a que mais nos fascina. Devemos isso a quem nos recebe e espera ver traduzido seu gesto que se automatizou no belo. Frente a tantos desvios e equívocos da função do humano nessa existência, talvez a mais nobre seja o automatismo de gestos nobres e belos, como o receber.

Ser a figura que toca o mapa para desbravá-lo é coragem, mas ser o ponto colorido do mapa que acolhe é nobreza.

Passo Fundo aceitou ser chamada de “nossa” ela se apresentou e propôs-se a acolher. Ela é o ponto do mapa onde, menina, marquei: “quando eu for grande quero morar aqui!”

Tomamos de empréstimo um sinal clássico da obra de Guimarães Rosa para assinalar (e não encerrar) uma fala que se propõe menos a explicar do que registrar uma marca desta troca de abraços entre nós e a hospitaleira cidade de Passo Fundo...



Nara Marley Alessio Rubert

Sobre...

Sobre...

Hospitalidade

s.f. Ação de acolher em casa por caridade ou cortesia: dar hospitalidade.
Qualidade do que é hospitaleiro.

Ser hospitaleiro

Somente quem supera o medo do novo, quem supera o preconceito diante do que é diferente, quem deixa de ter medo dos estranhos consegue se comportar de modo hospitaleiro.

o Mito da hospitalidade

Segundo Ovídio (poeta latino, 43 a.C./17 d.C.), na região montanhosa da Frigia, existiam duas árvores apontadas como grande maravilha: um carvalho e uma tília, ambas nasciam num mesmo tronco. A história de como isso aconteceu provaria o poder dos deuses e o modo como recompensam os humildes e os piedosos. Quando Júpiter estava saciado de néctar e cansado da lira de Apolo e da dança das Graças, deixava o Olimpo e descia à Terra disfarçado de simples mortal. Seu companheiro favorito nessas aventuras era Mercúrio, o mais divertido, mais astuto e mais criativo de todos os deuses.

Desta vez, Júpiter decidira verificar até onde chegava a hospitalidade do povo da Frigia. Essa qualidade era-lhe importante, pois estavam sob a sua proteção os hóspedes e as pessoas que procuravam abrigo em terra estranha. Os dois deuses assumiram a forma de viandantes e perambularam batendo à porta das cabanas humildes e das casas ricas. Pediam alimento e um lugar para descansar, mas não eram recebidos.

Fizeram a experiência em centenas de casas e foram tratados do mesmo modo. Por fim, chegaram a uma cabana coberta de palha, a mais pobre de todas as casas. Ao baterem, a porta foi aberta e uma voz agradável convidou-os a entrar. De tão baixa a entrada, tiveram de curvar-se para passar, mas, uma vez lá dentro, perceberam que tudo estava bem arrumado e limpo. Um casal de velhinhos deu-lhes as boas-vindas do modo mais colhedor possível, não poupando esforços para que se sentissem confortavelmente instalados.

O dono da casa colocou um banco perto da lareira e pediu-lhes que ali se deitassem para descansar; a mulher estendeu uma manta sobre o banco, contando-lhes que seu nome era Báucis e que o marido chamava-se Filêmon. Viviam na cabana desde o casamento, e tinham sido sempre felizes. “Somos pobres,” disse, “mas a pobreza não é uma coisa assim tão má quando não se tem grandes ambições.” Ela ia falando e preparando coisas para eles. Abanou os tições da lareira escura até que um fogo agradável começou a arder e pendurou sobre as chamas uma panela cheia de água.

Assim que esta começou a ferver, o marido voltou da horta com um belo repolho que foi, por sua vez, colocado dentro da panela juntamente com um pedaço de carne de porco que pendia de uma das vigas do teto.

Enquanto a refeição ia sendo preparada, Báucis pôs a mesa com suas mãos trêmulas e serviu azeitonas, rabanetes e ovos assados sobre as cinzas quentes. A esta altura, o repolho e a carne já estavam prontos, e o velho empurrou para perto da mesa dois banquinhos de pernas bambas, convidando seus hóspedes a comerem. E trouxe-lhes taças de madeira de faia e um recipiente de barro cheio de um vinho que parecia vinagre diluído em água.

Filêmon, porém, estava orgulhoso e feliz por poder acrescentar aquela iguaria à ceia, e atento, enchia as taças assim que estivessem vazias. Os velhinhos estavam tão animados que demoraram a se dar conta de uma coisa estranha: a jarra de vinho nunca se esvaziava. Quando perceberam essa maravilha, entreolharam-se apavorados e começaram a orar em silêncio e de olhos baixos. Trêmulos e com voz embargada, rogaram aos hóspedes que perdoassem a pobreza da ceia oferecida. “Temos um ganso”, disse Filêmon, “que deveríamos ter oferecido a Vossas Senhorias, mas tenham a bondade de esperar, pois vamos prepará-lo rapidamente e servi-lo em seguida”.

Mas não houve jeito de agarrar o ganso.

Quando Filêmon e Báucis não tinham mais condições de continuar com a caçada, os deuses entraram em ação. “Hospedastes dois deuses em vossa casa”, disseram, “e, portanto, tereis a recompensa merecida. Puniremos este povo cruel que despreza o estrangeiro, mas é nosso desejo poupar-vos.” Em seguida, levaram os velhinhos para fora da cabana e pediram-lhes que olhassem em redor. Para espanto, a única coisa que viam era água. O campo desaparecera e um grande lago cercava o local. Os vizinhos nunca tinham sido bondosos, mas, mesmo assim, Báucis e Filêmon choraram por eles. E uma grande maravilha fez suas lágrimas secarem: sua minúscula e humilde cabana transformara-se em um templo majestoso com colunas de mármore e teto de ouro. “Meus bons amigos,” disse Júpiter, “pedi o que quiserdes, e vosso desejo será satisfeito.” Os dois velhinhos sussurraram entre si e em seguida Filêmon falou. “Permiti que nos tornemos vossos sacerdotes, e que passemos a tomar conta deste templo; e não deixeis que nenhum de nós sobreviva ao outro, concedendo-nos a graça de morrermos juntos.” Os deuses concordaram, muito satisfeitos. Por muito tempo, Filêmon e Báucis serviram naquele grandioso edifício, mas a história não nos revela se alguma vez sentiram saudades da antiga casinha aconchegante e do crepitar alegre e cordial de sua lareira.

Um dia, porém, em que mais uma vez estavam diante da edificação magnífica de ouro e mármore, puseram-se a falar sobre a vida passada, que tinha sido dura e, ao mesmo tempo, feliz.

De repente, enquanto trocavam recordações, perceberam que muitas folhas começaram a brotar de ambos. Depois, viram que a pele ia sendo transformada em casca de árvore, e só tiveram tempo de dizer um ao outro: “Adeus, meu grande amor.” Assim que seus lábios pronunciaram essas derradeiras palavras, transformaram-se em árvores, mas mesmo assim continuaram juntos, pois a tília e o carvalho nasciam de um mesmo tronco. De todas as partes do mundo acorriam pessoas para admirar aquela maravilha, e, em honra do casal tão piedoso e fiel, dos ramos das duas árvores pendiam sempre as mais belas grinaldas de flores.



Sobre...

Sonhos

“... os sonhos algumas vezes podem revelar certas situações muito antes de elas realmente acontecerem. Não é necessariamente um milagre ou uma forma de previsão”.

“Não podemos nos permitir nenhuma ingenuidade no estudo dos sonhos. Eles têm sua origem em um espírito que não é bem humano, e sim um sopro da natureza – o espírito de uma deusa bela e generosa, mas também cruel. Se quisermos caracterizar este espírito, vamos aproximar-nos bem melhor dele na esfera das mitologias antigas e nas fábulas das florestas primitivas do que na consciência do homem moderno”. | Carl G. Jung

Cidades

“Situairemos em bases falsas todo o problema da natureza da cidade se procurarmos apenas estruturas permanentes, amontoadas por trás de uma muralha.”

“Se quisermos identificar a cidade, devemos seguir a trilha para trás, partindo das mais completas estruturas e funções urbanas conhecidas, para seus componentes originários, por mais remotos que se apresentem no tempo, no espaço e na cultura (...). Antes da cidade houve a pequena povoação, o santuário e a aldeia; antes da aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras: e antes de tudo isso, houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha, evidentemente, com diversas outras espécies animais”.

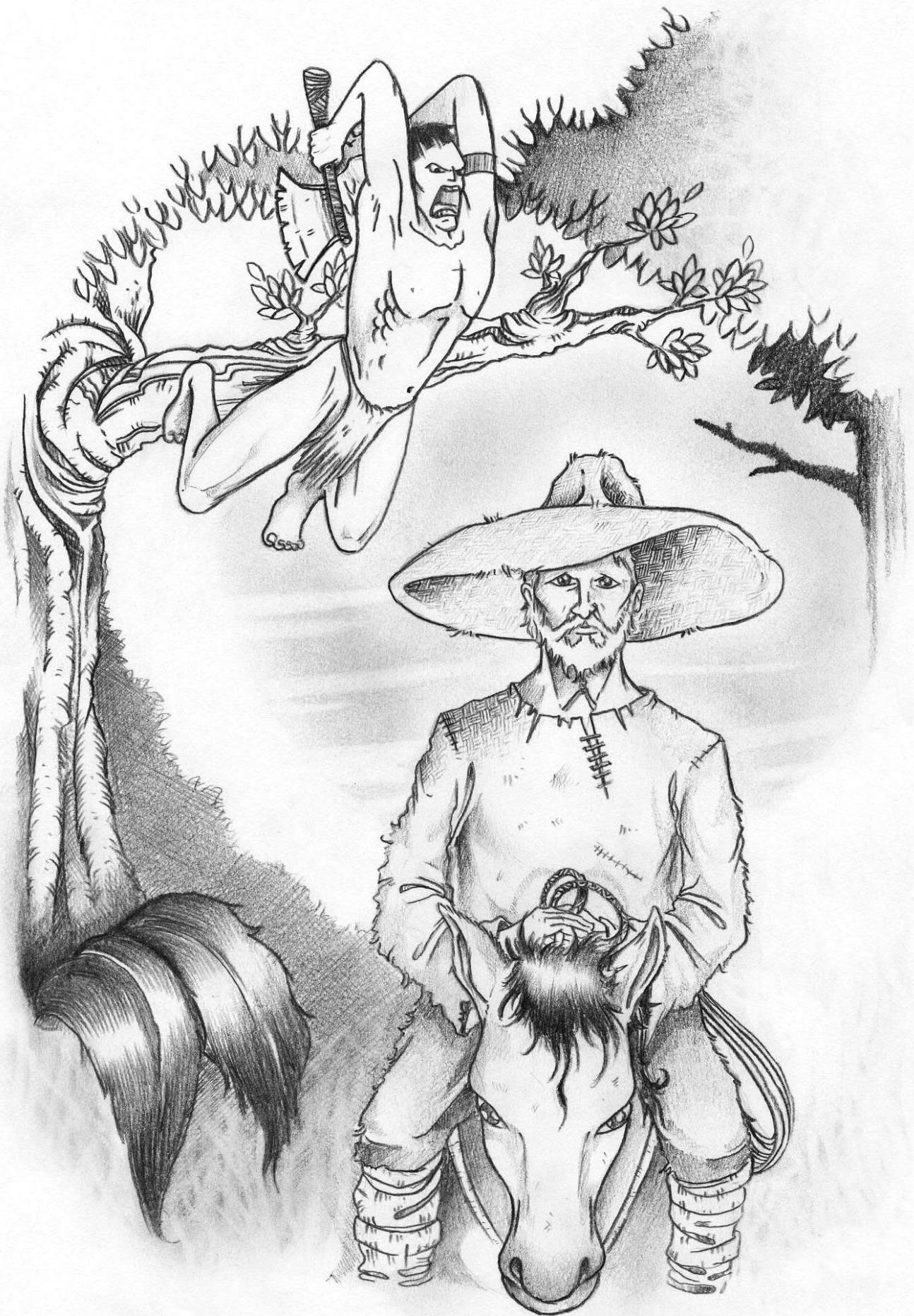
“O respeito do homem antigo pelos mortos, em si mesmo uma expressão de fascínio pelas suas poderosas imagens em vigília e de sonho noturno, teve um papel maior ainda que as necessidades de ordem mais prática, ao fazer que procurasse um local fixo de encontro e afinal um ponto contínuo de fixação. (...) A cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos”. | Lewis Mumford

Violência

“Os cupins não tem problemas quando comem as vigas de madeira de uma casa, nem os mosquitos quando picam uma vítima e propagam a malária. Estão fazendo exatamente o que a evolução os estruturou para fazer, mesmo que o resultado cause sofrimento às pessoas. Se os cientistas fizessem uma avaliação moral do comportamento dessas criaturas ou o chamasse de patológico, mandariam todos nós para os becos sem saída como a procura de influências ‘tóxicas’ sobre essas criaturas ou de uma ‘cura’ que lhes restaurasse a saúde. Pela mesma razão, a violência humana não tem de ser uma doença para que valha a pena combatê-la”.

“(...) Há muitas razões para crer que a violência não é exatamente uma doença ou um envenenamento, e sim parte da nossa constituição.”

“Entre nossos primos chimpanzés há os que matam deliberadamente outros chimpanzés, sugerindo a possibilidade de que as forças da evolução e não apenas as idiosincrasias de uma cultura humana específica preparam-nos para a violência”. | Steven Pinker



Sobre Passo Fundo

“Foi na época espanhola que teve lugar a invasão dos índios coroados, selvícolas ferozes de raça tupi, vindos dos sertões paranaenses e que ocuparam toda a região florestal do Rio Grande do Sul, tornando-se um obstáculo formidável ao ingresso da civilização na mesma, devido ao intenso ódio que votavam à raça branca. Lugar remoto e coberto de gigantescas matas, oferecendo a par da segurança pessoal fartos meios de subsistência a esses selvagens, tornou-se Passo Fundo um dos principais pontos de concentração e onde o poder deles, com o andar dos tempos, cresceu consideravelmente à medida que a civilização, avançando para o interior, os ia expulsando dos lugares circunvizinhos.”

“Mas Passo Fundo (...) não pôde ser povoado senão com demora de alguns anos devido aos terríveis coroados, cuja cólera seria fatal ao branco audacioso que nele fosse domiciliar-se, atendo-se à guerra sem tréguas que lastrava entre as duas raças.”

“(...) os índios coroados (...) irrompem em acesa guerra aos moradores e viajantes, a cada momento fazendo grandes morticínios, com especialidade no Mato Castelhana, onde o cerrado da floresta e estreiteza do caminho eram próprios às suas traiçoeiras emboscadas. Tão numerosos foram, ali, as vítimas (...) que os viajantes já não ousavam se embrenhar na picada (...)”.

“Em matéria de hospitalidade, prima em reviver as tradições dos tempos bíblicos. Em qualquer ranchinho perdido na vastidão da campanha ou nas profundezas solitárias das selvas, o viajante que chega tem logo o mais cativante agasalho, embora seja necessário obsequiá-lo com a derradeira ração de que dispõe a casa e ficar esta com a despensa vazia para o dia seguinte”. | **Francisco Antonino Xavier e Oliveira**

(Este texto refere-se a Passo Fundo quando recém tinha 22 casas)

Sobre esta publicação

O passo-fundense fica lisonjeado ao ouvir que Passo Fundo é cidade hospitaleira. Esse comportamento, conforme Antonino Xavier tem raízes em nossa formação, é virtude que se cristalizou.

Os descendentes dos pioneiros, que passaram a ter este torrão como local de nascimento, não se tornaram arredios ou hostis aos demais forasteiros. Como os seus ancestrais, conscientizaram-se de que ser forasteiro é mais um estado de espírito e de que, não raras vezes, torna-se imperioso, questão de saúde mental inclusive, buscar outras plagas para fincar raízes.

Para muitos, trocar de lugar é tão vital quanto o ar que respiram e a água que bebem. Em certas circunstâncias, a herança recebida ao nascer – real ou imaginada – é demasiadamente sufocante, excessivamente opressiva para que se permaneça no berço. Guardadas as dimensões de tempo e de espaço, são ainda os bagornaços e os facões em brasa – nem sempre tão explícitos – que empurram as pessoas, como Negrinha e Branquinha, na direção de uma nova paisagem.

Lógico, há ainda outros motivos que impulsionam o íntimo de alguém a mudar de lugar, como buscar a concretização de algum sonho que secretamente acalenta na mente e no coração. Também, às vezes, mudar já é, em si mesmo, o próprio sonho, que assim se torna há um só tempo sonhado e realizado. Há, ainda, quem diga que o impulso de mudar de lugar está no DNA. Independente do motivo, o combustível que move o ser humano que parte é, sempre, a esperança. Sim, a esperança de que lá, nesse novo lugar, em regra desconhecido, a vida será diferente, será mais serena, será mais gratificante, mais viva, mais rica, ou seja, a vida poderá ser como a vida que ele sonha. Esse movimento de sair e chegar tem sido uma eterna peregrinação do “eu” em busca de outros “eles”, com o objetivo de formar um novo “nós”.

Voltando: são muitos os acontecidos e os motivos que firmaram esse matiz de hospitalidade entre os moradores destas plagas. Histórias e lendas abordam essa postura forte do passo-fundense nato ou por escolha de receber de braços abertos quem chega de outros territórios. Registros passam às gerações, estimulando a virtude e acimentando ainda mais essa nossa característica da hospitalidade que outros já reconhecem.

E há, ainda, quem se intrigue com esse jeito de ser cordial diante de um passado de tanta desavença, imenso ódio e insondável derramamento de sangue que marcam a história passo-fundense. Por desígnios de quais deuses a mesma dor que fez gemer, que levou corpo e alma ao paroxismo do sofrimento, conseguiu gerar um legado de

amabilidade e tolerância logo adiante? O contato do branco com o homem primitivo foi traumático, os brancos que chegaram também se digladiaram; durante a formação do Rio Grande do Sul, confrontos sanguinolentos foram se sucedendo em nosso território e a nossa vida moderna tem lá suas digitais de sangue. É óbvio que não somos exceção, mas é intrigante constatar que depois de tanta dor e tristeza optamos por primar pela hospitalidade! Com essa trajetória, onde o choque de etnias, de interesses e de culturas avermelhou a imensidão verde e a prática da degola ali, no Pulador, tirou qualquer possibilidade de humanidade que um conflito eventualmente poderia possuir, é compreensível que se busque a quietude que a cordialidade produz. Para acender, uma vela sobre o fato socorro-me no que diz o livro sagrado dos Maias: “Toda lua, todo ano/ todo dia, todo vento/ caminha e passa também./ Também todo sangue/chega ao lugar/ de sua quietude.”

O caso que transcrevemos nesta pequena publicação quer ser apenas uma singela homenagem à querência que nos acolheu. O escaninho a que nos referimos neste nosso caso, ou seja, Povinho Velho, continua sendo um lugar especial e, com seu enorme cemitério, parece estar ali também para dar sustentação à tese de Mumford: “A cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos”. Ali, é bom dizer apenas para ilustrar, há um montão de tempo, viveu um povo cuja ancestralidade possuía raízes no Leste da África. Ou seja, os próprios indígenas, um dia, foram estrangeiros aqui. As redondezas são paisagens de boa aguada, com dezenas de nascentes de água fresca e cristalina, lindeira de Mato Castelhana. No seu entorno, cria-se gado e planta-se soja, milho e trigo. É nesga do cenário que temos mais próximo da paisagem daquilo que já fomos, de acordo com o que descreve Antonino Xavier. Certa nostalgia assalta quem anda pelas estradas de chão batido em tarde quieta e ensolarada; tem-se a impressão de que as poucas e altaneiras araucárias meio que choramingam solidão quando o Minuano sopra nas coxilhas. Depositário de importantes bacias hidrográficas, presta-se Povinho Velho para a magia, algo típico do fervilhar dos seres reais e imaginários que habitam as nascentes das águas. Água, água, o líquido mais precioso que os deuses colocaram à nossa disposição. Oh água, sem ela não há vida...

É ali, em Povinho Velho, um lugar do início de nossa povoação, segundo alguns historiadores e onde ainda nasce a água que nos refresca e mata a sede, que se passa a estória que registramos. Está é apenas mais uma versão, dentre tantas que podem falar do gene da nossa hospitalidade. É ali que a força do espírito de duas mulheres encontrou as condições para transformar em paz a dor que ainda teimamos em produzir em nossos semelhantes.

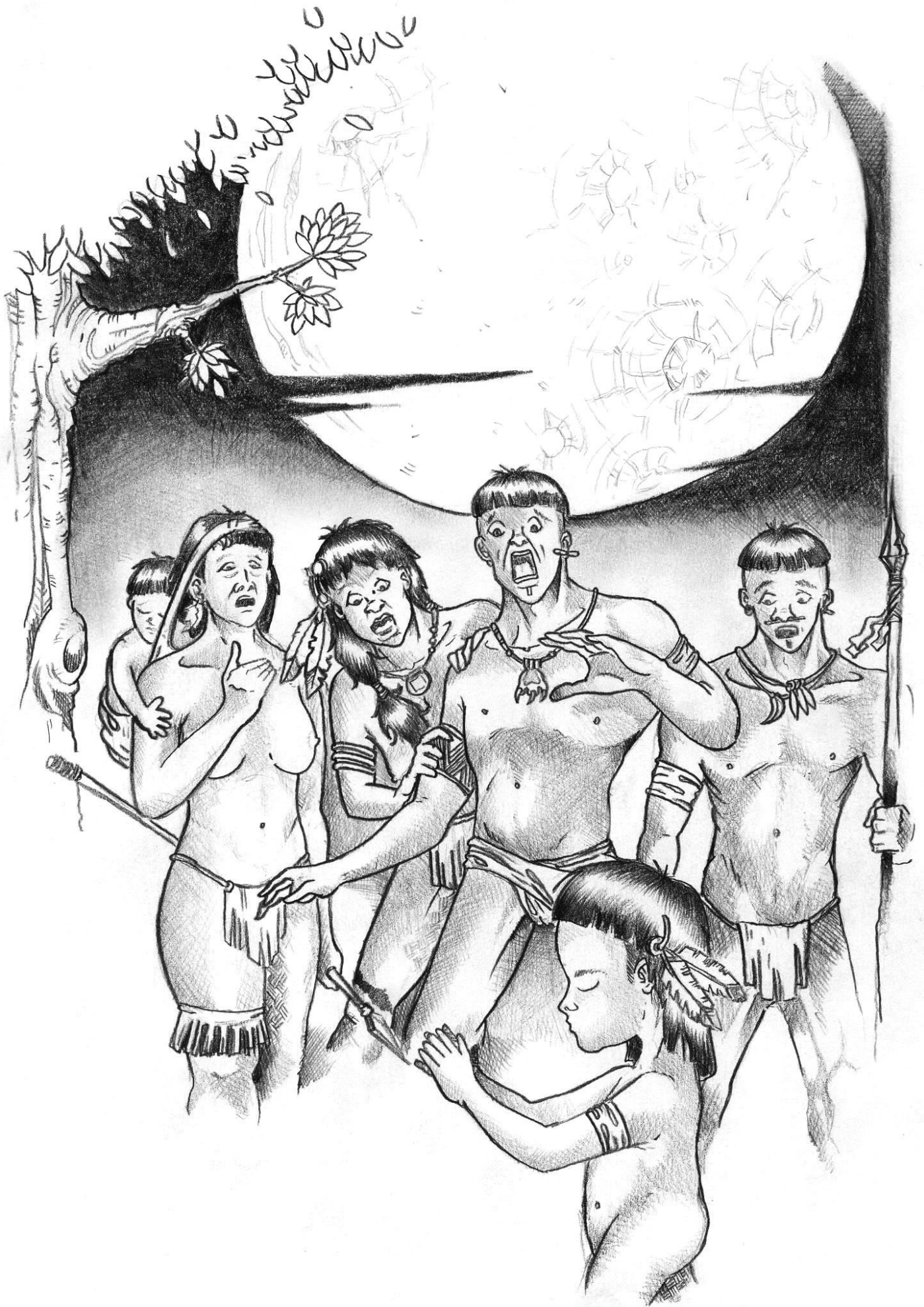
E, ao que consta, foi mais ou menos como segue.



“Pode-se graduar a civilização de um povo
pela atenção, decência e consideração
com que as mulheres
são educadas, tratadas e protegidas.”

Marquês de Maricá

(pseudônimo de Mariano José Pereira da Fonseca,
político carioca antiescravocrata,
ministro da Fazenda de D. Pedro I, 1773 - 1848)



Quando as coisas começam

Há um montão de tempo atrás, numa meia noite, o povo da localidade que bem mais tarde viria a ser conhecida como Povinho Velho, dentro do atual território de Passo Fundo, dormia sob o clarão de uma lua esmaltada cor de prata que iluminava até os sonhos. Justo nessa hora, uma garotinha, acometida por surto de sonambulismo quebra a magia do silêncio e sai a caminhar e a falar com os braços erguidos como quem reza: icambiabas, icambiabas, icambiabas – o que em nossa língua quer dizer mulheres sem maridos. Foi um alvoroço. Alvoroço dos grandes.

O curandeiro, homem de muitos conhecimentos sobre as coisas dos espíritos, porém de escassa paciência, fez menção de acordar a menina, foi contido pelo chefe. Significava atrair poderosas forças do mal mexer com o sonâmbulo que, pela tradição, naquele exato momento estava sendo visitado pelos espíritos dos ancestrais, já agora atalaias do futuro que sempre se apresenta como incerto. A garotinha, de quatro ou cinco anos (quem vai saber?), percorreu toda a clareira repetindo icambiabas e, assim, sem mais nem menos, voltou dormir, o que fizeram, também, os demais, à exceção do curandeiro que iniciou ali um esforço para interpretar os presságios por trás do acontecimento. Interpretar corretamente a mensagem enviada pelos ancestrais de seu povo através da menina poderia fazer a diferença entre muito sofrimento ou muita alegria.

Foram dias e dias de tentativas frustradas, inclusive porque a menina nada lembrou ao acordar radiosa, pela manhã. Vai daí que o curandeiro pediu autorização ao chefe e fez o grande ritual para entrar em contato com o sobrenatural e desvendar o significado do sonho da menina. Com a cabaça cheia de poderosa infusão de ervas, resultante do coquetel de várias espécies de folhas, receita só do conhecimento dos curandeiros, ele se enfiou na mata espessa.

Muitas luas depois, resgatado por uma comitiva de guerreiros enviada pelo chefe e que o encontrou em estado de inanição, sem forças para retornar, relatou que algo muito ruim poderia acontecer ao grupo. Sem precisar quando e nem o que poderia ocorrer de tenebroso, disse que as icambiabas sempre deveriam ser bem tratadas e que eles só seriam salvos pela intervenção de amanairas – senhora da chuva, em nossa língua, e pela presença de anati – gente loura em nossa língua.

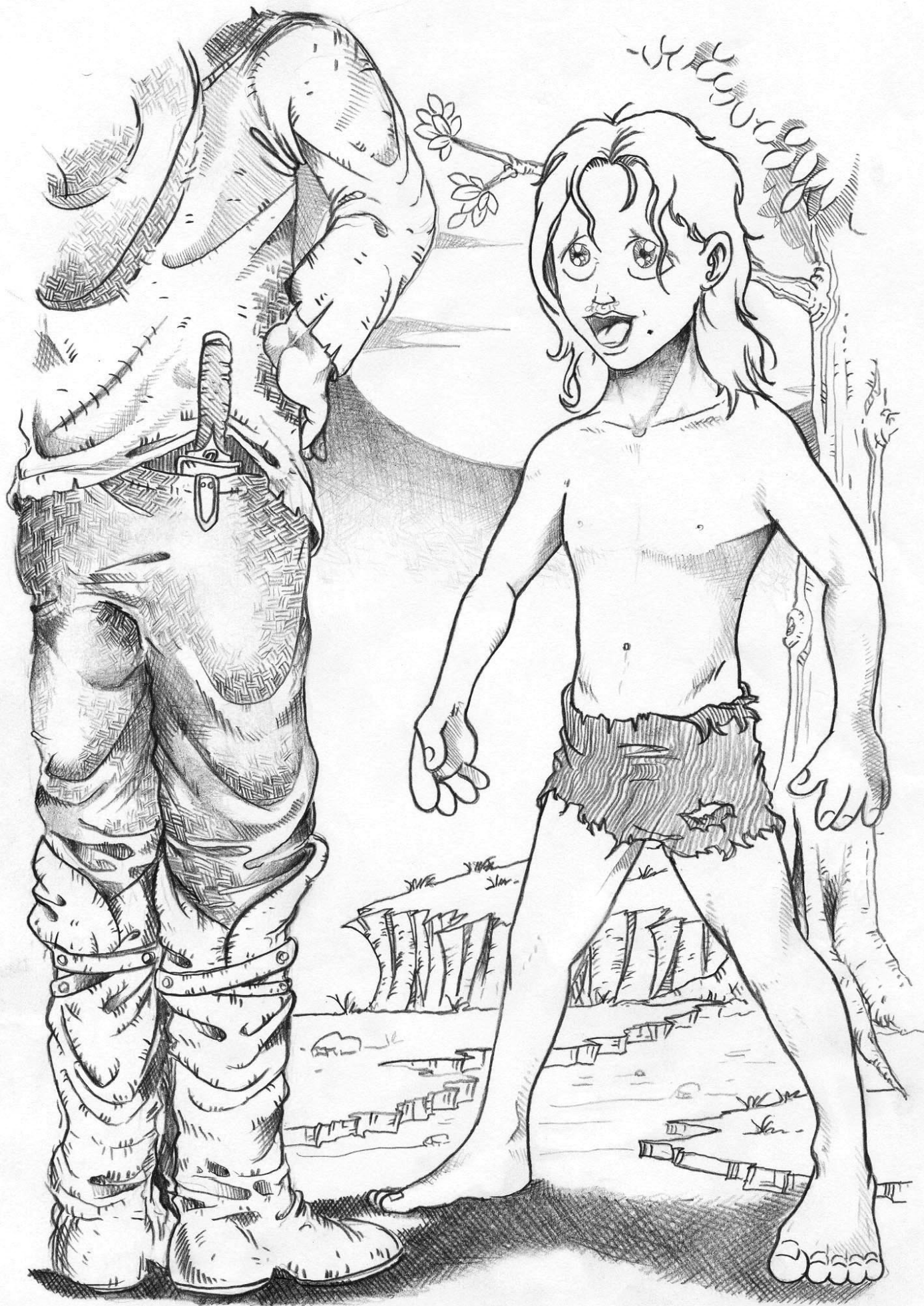


A vida monta seus moneios

No entardecer de um modorrento dia de verão, quando o sol incendiava de vermelho e de amarelo o horizonte, a guaipecada desandou a latir como se estivesse na frente de algo tenebroso de outro mundo. O alvoroço atraiu a atenção de quem andava pelas redondezas e todos correram em direção da centenária figueira distante uns cinquenta metros da varanda da casa grande. Só o coronel, dono do lugar, não tirou a bunda da cadeira de balanço onde fumava seu palheiro e tomava chimarrão.

Quando chegaram à figueira, ficaram ouriçados, arrepiados, mas não com medo, ao depararem com uma criança negra, de quatro ou cinco anos (quem vai saber?), toda sorridente, quase nua e com ranho escorrendo pelo nariz, denunciando estar gripada.

Outra boca inútil, comenta o coronel, quando sua mulher ordenou acolher e tratar da Negrinha, cuja língua ninguém entendia e que ali passaria cerca de dez anos.



No entardecer de um modorrento dia de verão, quando o sol incendiava de vermelho e amarelo o horizonte, a guaipecada desandou a latir como se estivesse na frente de algo tenebroso de outro mundo. O alvoroço atraiu quem andava pelas redondezas e todos correram em direção do centenário umbuzeiro distante uns cinquenta metros da varanda da casa grande. Só o coronel dono do lugar não tirou a bunda de cima da cadeira coberta com pelegos onde fumava seu palheiro e tomava seu amargo para ter o que fazer da vida.

Todos os que chegaram à figueira ficaram ouriçados, arrepiados, mas não com medo, ao depararem com uma criança branquela, quase albina, com cabelos loiríssimos, de quatro ou cinco anos (quem vai saber?), toda sorridente, quase nua e com ranho escorrendo pelo nariz, denunciando estar gripada.

Mais outra boca sem serventia, rosna o coronel, quando sua mulher ordenou ao capataz acolher e providenciar tratamento à Branquinha, cuja língua ninguém entendia e que ali passaria cerca de dez anos.



Pelas trishas inevitáveis

Covardia, a mais abjeta covardia o coronel Francisco dos Olivais pratica contra Negrinha anos mais tarde: cegá-la com o calor da lâmina do facão em brasa diz, o quanto vai longe a crueldade nesse mundo velho sem porteira.

O crime? Não apontar negro Alberto como responsável pelo estupro e morte da donzela Júlia, dileta filha do coronel Felisbino da Silveira, lindeiro dos Olivais, homem perverso, cara peçonhenta, típica de quem não tolera afronta, por tiquitita que seja.

Negrinha nada vira, nem sabia que o próprio coronel Francisco cometera os hediondos crimes, pois era acostumado a se faltar com as raparigas sob seu teto sem que alguém tivesse condições de impedir. Claro, assim Negrinha nada poderia dizer. E, na pior das hipóteses, não colocaria jamais Alberto em perigo em qualquer circunstância, pois apesar da sua pouca idade, fazia zoinho cada vez que cruzava com o esbelto peão por quem estava enrabichada, que os avisos do sexo, brotando no corpo, são sempre cheios de mistérios.

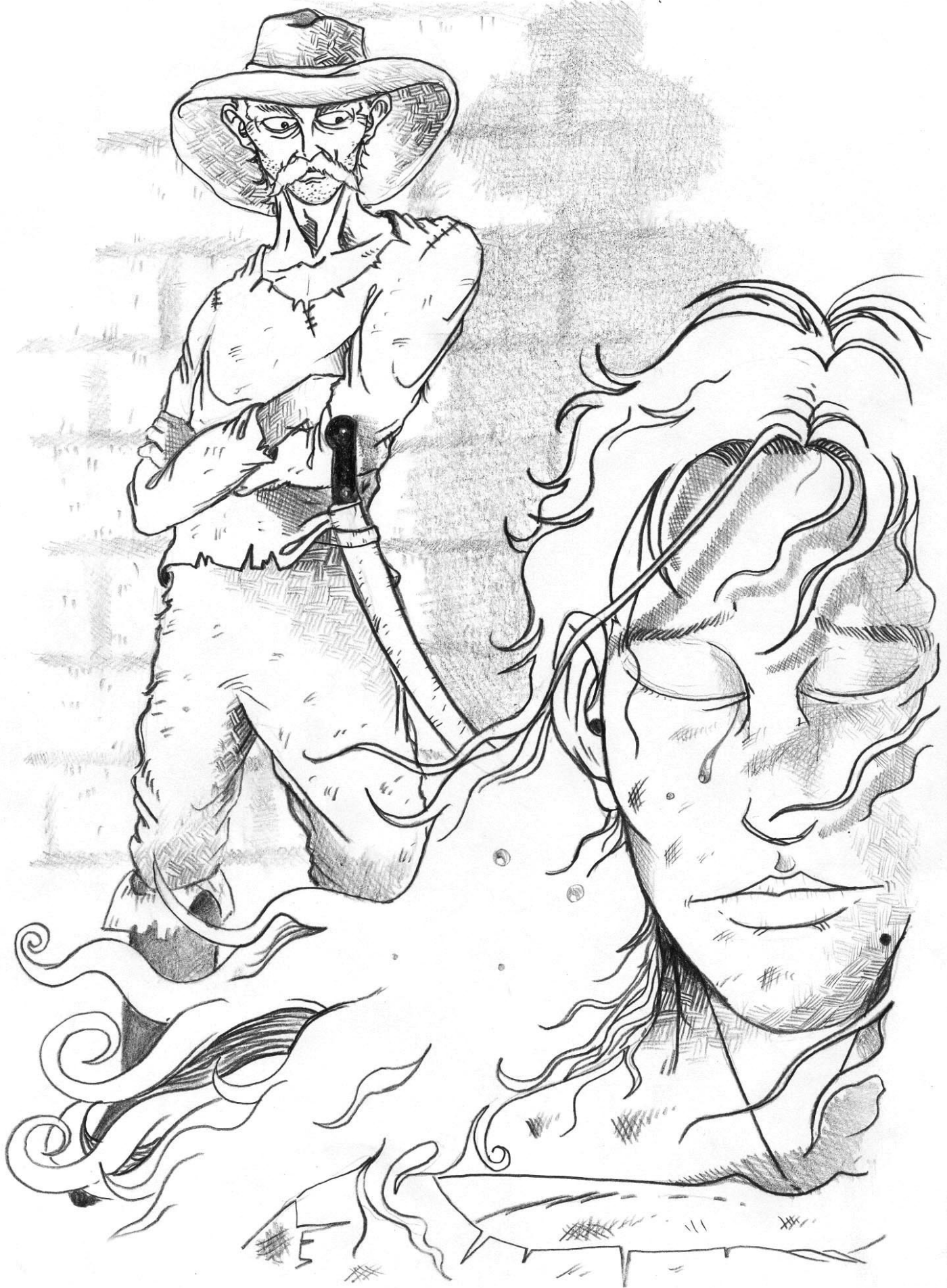
Mas o coronel covarde escondeu uma maldade e fez outra por temer o vizinho.



Covardia, a mais abjeta covardia o estancieiro Alfredo Mandiva das Pedras, pratica anos mais tarde ao cegar Branquinha com dois bagornaços de relho, que também lhe quebram o nariz. Grosso de lançar catarro em qualquer chão, andava vexado, pois os cochichos levados pelo vento aos seus ouvidos, pondo em dúvida a pureza de menina-moça da filha, incomodavam-no por demais. Certas coisas sobre uma donzela, pensava ele quando largava a fumaça do palheiro, não se comenta mesmo sendo a mais cruel das verdades.

O crime da Branquinha? Não revelar quem fornicava com Ana Madalena, a espevitada filha que pulava de galho em galho, não só em noite de luar, apenas para deixar o coronel louco das vendas. A loirinha sabia que o pobretão Arigoberto Neves seria morto, se alguém descobrisse que ele estava de caso com tão prendada guria.

Aqui ó, que falaria algo, embora estivesse enrabichada pelo Arigoberto e odiasse a rival, sabia que falar ocasionaria uma tragédia.



Tempos eternos de maldade e violência

Eram tempos chucros, de escasso riso e muita dor. E, como até hoje, de muita violência, que essa parece não ter fim. Época de pouca lei, pouca polícia, muito preconceito e arrogância. Valia a força bruta, especialmente para os covardes que possuísssem um pouco mais de prata na guaiaca. São aqueles tempos que precederam a civilização a qual, às vezes, parece chegar a contagotas.

Tempos ásperos de negro e de índio não carecerem de nome. Negrinha e Branquinha eram suficientes indicativos para a voz de comando chegar rápida às raparigas que não enjeitavam, e nem podiam enjeitar, serviço. Época em que o debaixo ouvia ordem sem levantar o olho, muito menos a cabeça. Justo por isso elas não podiam ser perdoadas: na frente dos demais viventes, as duas meninas (mulher?) ousaram olhar no olho do algoz com o semblante de quem, naquele exato instante, sentia que a vida só vale a pena se o desafio for provocador, e o canalha que estiver na frente acusar o golpe.

Era muita audácia, (ainda mais partindo de fêmea, feita para usufruto do macho, que assim o mundo foi planejado desde o Paraíso), era tudo bem descabido: elas, de olho e cabeça erguidos, transmitindo à arrogância efervescente aquela espécie de serenidade que antecede a tempestade!

E as garotas-mulheres mantiveram, para provocação além da conta, para fazer o cálice transbordar, o silêncio altivo dos fortes e o sorriso altaneiro que desconcerta os prepotentes. Isso fez desmoronar os brios do coronel e do estancieiro. Primeiro, não estavam acostumados e, segundo, nem podiam permitir tamanha desfaçatez. Facão em brasa ou bagornaço, a escolha era privilégio de cada um daqueles dois pequenos déspotas, mesmo porque as opções para a maldade sempre foram – e ainda são – enormes. É da natureza humana.

Alguém ousa contestar?



Sempre se acha força para reagir

Negrinha recuperou os sentidos estrebuchando, a dor lancinante tocava-lhe a alma. Não fosse fêmea, dali dificilmente sairia, que homem algum suportaria tanta dor. Jogada para carniça, na parte dos fundos do galpão, não ficou esperando socorro: pelo que a vida lhe ensinou, sabe que esse não viria. Deixou os campos lá dos lados onde começa o Rio Grande do Sul, perto do grande rio dos caracóis, mas já nos campos do cimo da serra, e tomou rumo dos matos no Sul.

De parte dos seus, aqueles que se sentiram como iguais após ser recolhida na figueira, ninguém teve coragem de segui-la, da gente do coronel só Ana Madalena se preocupava com ela, mas estava trancafiada. Arigoberto não sabia do acontecido, sumira para não atizar ainda mais a ira do pai da moça que tava desconfiado de seus movimentos de garanhão noturno. O ódio que brotou de seus quinze-dezesseis anos guiava os passos de negrinha. Poucas coisas alimentam a vontade, mobilizam a energia nas células e comandam o espírito como esse ódio genuíno que germina no peito adubado pela injustiça.

Lá pelas bandas da região Missioneira, pouco adiante das ruínas que a humanidade reverencia e que também são eloquentes marcos de nossa infinita maldade, próximo de onde o cacique Nheçu mostrou que fica difícil viver sem honra, Branquinha fez o mesmo. Rosnando como fera acuada e ferida, por causa da dor lancinante – não fosse mulher dali não sairia, que macho algum está preparado para tanta dor –, deixou tudo o que já não tinha e saiu em busca de paz sem saber onde encontrar. Seguiu rumo aos matos do Norte.

Dos seus não tinha ninguém, fora recolhida na coxilha do umbu ainda menina: era a sobrevivente de uma leva de pessoas encontradas mortas por degola, sem que até hoje alguém desse alguma explicação que confortasse a razão, esse instrumento que não aprendemos a usar com sabedoria. Criada aos trancos, não conhecia carinho e da gente do estancieiro nada esperava. O ódio que brotou de seus quinze-dezesseis anos guiava e movia suas pernas.



Como se faz uma epopéia

Na altura de onde hoje fica Lagoa Vermelha, dias depois, Negrinha acordou quando um cão berrante lambia as suas feridas. Ficou quieta, imóvel, praticamente petrificada pelo medo e também porque a saliva morna da língua do cão aliviava sua dor e lhe dava inusitada sensação de bem-estar. Sensação agradável que nunca antes sentira de parte de qualquer humano.

Seu estado deplorável comoveu o peão que buscava uma rês extraviada. Dava dó ver o corpo lanhado, os pés sangrando; a menina caiu ali de fraqueza e dor após zanzar a esmo por coxilhas, canhadas de caragatás e matos. Seminua pelos estragos que a caminhada cega em terreno inóspito ocasionara na roupa o peão ficou ofegante ao tocá-la. Olhou embevecido o corpo esculpido por cinzel de ouro e uma saliva grossa, fora do comum, inundou sua boca de repente. Quase engasgou quando a sua mão forte e rude acariciou aquela estampa de sofrimento; nunca antes fizera isso em qualquer fêmea.

Ela se manteve impassível apesar de seu corpo acusar as carícias, algo nunca antes sentido. Jamais esqueceria os momentos de êxtase proporcionado pela língua quente do cão e a mão rude do peão. Como não falava ganhou o apelido de Mudinha. Gostou da idéia e atendeu pelo novo apelido. Assim – pensou certo com seus botões – ninguém cobraria explicações sobre sua vida e não precisaria inventar histórias. Recolhida à fazenda do coronel Chico da Bigorna passou bom tempo sendo tratada quase como gente.



Poucos quilômetros antes de onde hoje fica Carazinho, o carreteiro parou. Desceu da carreta para ver mais de perto um corpo branco estirado no valetão. Com a ponta da bota cutucou o braço que ia e voltava ao mesmo lugar. O corpo, em chagas por causa de espinhos e de galhos, estava coberto de trapos e sujeira. Andar por matos, coxilhas e canhadas de caraguatás não é nada agradável, principalmente para uma cega.

Homem de trato afetuoso, coisa rara na época e no local, levou a moça no colo até o riacho. Despertou assustada com o choque da água fria, mas parecia conformada. Ele jogou fora os trapos da guria, enrolou-a num cobertor e arrumou espaço na carreta. Controlou com enorme esforço um impulso que brotava entre suas pernas com a força e o calor de um vulcão, ao deparar o corpo de intensa alvura, esculpido com cinzel de diamante.

Nunca soube como se segurou; ao roçar a pele com a textura do veludo azulão que vendia para as mulheres dos coronéis daquela donzela revelou-se a ele o prazer que podem conter dois corpos chucros sem freios que se tocam. Lembrou ainda a cara de espanto que seu ajudante fez quando estava com a guria em seus braços e uma espécie de raio interior fez tremer seu corpo do cabelo aos pés. Na carreta, livre do frio e da água, ela engoliu quase sem mastigar o arroz com charque que recebeu. Como ela não falava, Pampeano chamou-a de Mudinha. Ela gostou, pois imaginou que não tendo que explicar sua tragédia, a vida poderia ser mais fácil.

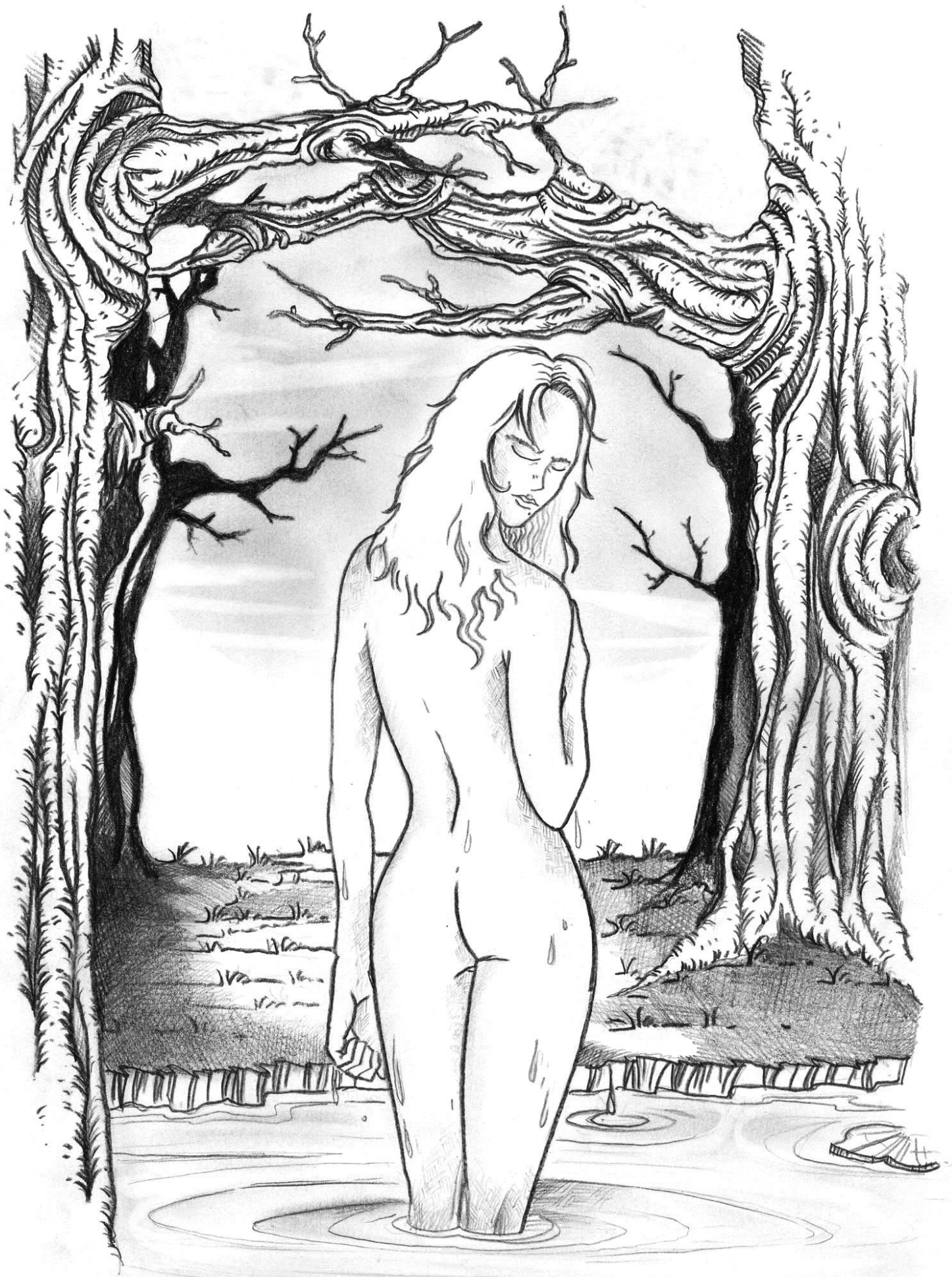


O desejo, ah, o desejo...

No tranco dos dias que iam e das noites que vinham, cada qual solto, sem controle como bicho no mato acuado, nesse revezamento que não tem fim, Mudinha botou corpo de mulher na estonteante silhueta de adolescente. A falta de calcinha e de corpinho em menina ainda passa, mas não passa despercebido em mulher de vestido de pano fino, às vezes molhado pela água da lida e insinuando mais do que devia para o pudor e a indispensável cautela dos rincões.

Num tempo em que a canela à mostra provocava excitação, suas coxas torneadas e seus seios redondinhos povoavam os sonhos eróticos dos homens que a cercavam, o que a colocava em perigo. Salatiel, o herdeiro-patrão, o capataz e os peões foram, aos poucos, contaminando-se, segurando-se pelos aramados com a desconcertante dose diária de inocentes provocações embrulhada em chita cor-de-rosa que Mudinha espargia.

Sem a presença de dona Aurestina, viúva faca na bota, de buço avantajado que ninguém ousava desafiar, aqueles homens, vivendo com cardápio sexual que beirava à zoolatria, típico daqueles fundões, sucumbiram à força do desejo: só temor o reverencial pela velha santarrona mantinha o perigo longe daquele pedaço de pecado. Desse modo, mesmo com o peso do trabalho, Negrinha deixava o tempo levá-la com muita beleza e sensualidade.



Na venda e pousada, parada obrigatória para quem ia para as bandas do Norte ou delas voltava, o carreteiro estacou. O ex-soldado de milícia Fagundes da Santana era o dono. Homem bom vinha conseguindo manter abstinência alcoólica por saber que depois do primeiro gole enlouqueceria. Aquerenciado ali pelas graças do coronel Fidêncio, fazia a vida servindo os poucos moradores das redondezas, carreteiros, tropeiros e outros tipos raros de viajantes.

Após um relato sucinto de Pampeano, sugerindo que ficasse com Mudinha, Fagundes perguntou que serventia teria uma cega. O carreteiro tirou o cobertor da moça, que tremia como vara verde aos sopros do Minuano, e o corpo branquíssimo, coisa das mais raras em todo aquele fundão, embora ainda em formação, fez brilhar os olhos de Fagundes.

Ele cobriu Mudinha e perguntou se ela queria ficar.

Teria outro remédio para ela?



As coisas se repetem, se repetem...

Por reflexo condicionado Salatiel tapou a boca da Mudinha ao violentá-la. Como resistir? Ela tinha certeza de que isso aconteceria no justo instante que dona Aurestina, com dois peões, garrara o rumo do grande rio para ajudar o parto da afilhada, a dois dias de viagem dali.

Todos os covardes passaram pela cama com a concordância de Salatiel que temia ser denunciado para a mãe, caso quisesse dar uma de mandão guloso. Foi noite de brutalidade que a história não registra e nem encontra escaninho para guardar. Só o peão que a encontrou quando ali aportou conteve-se e não a agrediu.

O galo nem havia quebrado o silêncio da manhã e ela já estava de mochila pronta, com pão, charque, farinha de mandioca e alguns trapos de roupas. Que adiantaria ficar ali lambendo suas feridas, perguntava-se. Antes de partir foi ao quarto da enteada de Aurestina, na casa grande. Atônita e achando se tratar de milagre (como Mudinha estava falando?) Maria das Mercês ouviu em silêncio o relato do sucedido. Ao final dessa fala beijou as mãos de Mudinha, na certeza de que acontecera um milagre.

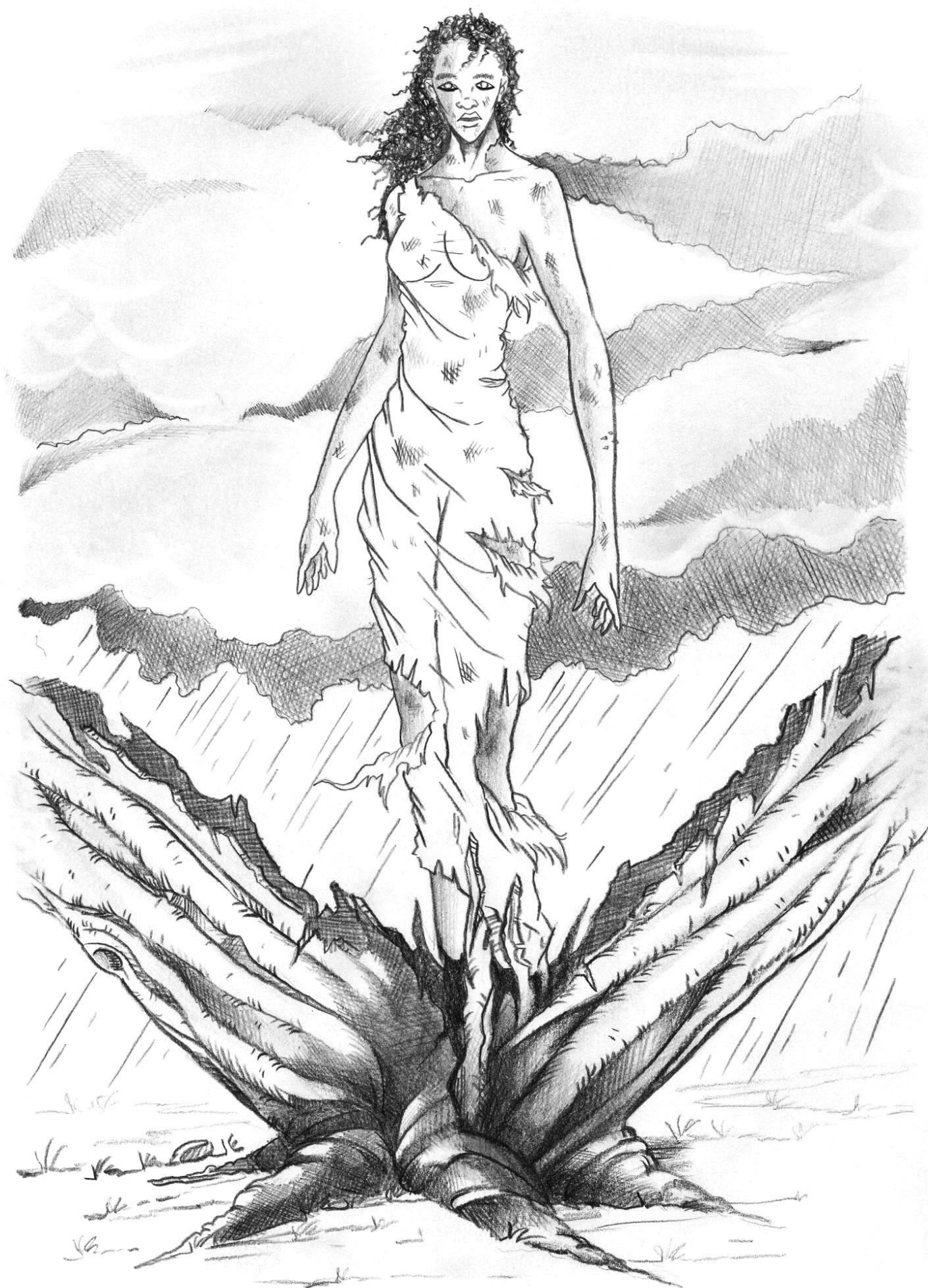
Ela retomou o rumo original, o Sul.



Branquinha pegou jeito de ser útil. Lavava roupa, cozinhava, mantinha o lugar limpo. Fagundes se apegou a ela. Havia quem não acreditasse que fosse cega tal a desenvoltura em se movimentar no rancho-bodega. Três anos depois da chegada estava mais para mulher do que para prendinha. E sua cor só fazia aumentar a atração dos olhares dos machos.

Numa noite de inverno de renguear cusco sarnento, quando o vento uiva toda a dor da maldade feita no dia, ele pegou a roupa de sua cama, a vela de sebo e foi ao catre onde ela dormia. Misturou as cobertas e se aninhou ao lado. Ela gostou do calor e dos carinhos. Tudo demandou bem até o dia em que Fagundes, por essas coisas que não se explicam e os viventes se penalizam ao saber, voltou a beber. Branquinha, por tempo suportou maus tratos, por se achar em dívida com o homem que a acolhera, mas começou não aguentar mais o beerrão Fagundes fazer vista grossa aos que assediavam seu corpo com a textura do veludo branco. Agredida por milicianos enquanto Fagundes bebia e ria, achou demais.

Num amanhecer, enquanto Fagundes roncava, agarrou na venda o que podia carregar e retomou o rumo Norte.



Quando o sonho vira realidade

Vindo por cima do serrito Negrinha, depois de caminhar sabe-se lá quanto tempo, remoendo sabe-se lá quantas dores – do corpo e da alma –, chegou ao lugar que muito mais tarde receberia a denominação de Povinho Velho há poucos quilômetros de onde hoje está o centro da cidade de Passo Fundo. Nunca é demais repetir: no entorno onde aportou Negrinha nascem o rio Jacuí e o rio Passo Fundo e, cheias de encanto e mistério, fervilham incontáveis nascentes de águas cristalinas.

Nesse dia chovia forte. Chovia de balde como nunca antes havia chovido. Ao sair da mata foi avistada e encarada como um vulto assustador pelo grupo de adultos, de jovens e de crianças, abrigado em choupanas toscas. Imaginem o pavor do grupo já assustado com tanta água que caía. Mesmo que quase cegas pelo intenso clarão que cruzou o céu, as pessoas perceberam uma língua de fogo cortar em dois, de alto a baixo, o enorme pinheiro postado na saída da mata, poucos metros à frente da recém chegada.

Quando o barulho do trovão chegou, após a luz sumir, ensurdecendo e assustando mais ainda os presentes, as duas metades do pinheiro cortadas pelo fogo estavam prestes a bater no chão. O barulho não estancou a caminhada de Negrinha, ela passou exatamente no meio das duas metades da grande árvore, para perplexidade dos assistentes que pela primeira vez entravam em contato com alguém de pele negra. E ao efeito do raio, que acreditavam ser feroz manifestação dos céus, pois enegrecera o pinheiro posto abaixo, atribuíram a cor preta da recém-chegada.

Mudinha parou diante do grupo petrificado de pavor, o aguaceiro intensificou-se, novos e apavorantes relâmpagos riscaram os céus e outros raios caíram nas proximidades. Negrinha moveu a cabeça de um modo que os assistentes tinham certeza de que ela enxergava um por um dos integrantes daquele grupo e, para surpresa geral, foi reverenciada, com respeito ou com temor, nunca se saberá.

O mais idoso gritou amanairas e todos se ajoelharam, coisa até então inconcebível em se tratando de grupo tão feroz e arredio ao visitante como esse que habitava essa localidade, lá pelos lados de Mato Castelhana. Naquele exato momento, foram criadas as condições para torná-la uma lenda.



Dias depois, quando Branquinha chegou ao mesmo local outro rebuliço e tudo ficou de novo em polvorosa. Fora avistada ainda antes de entrar na pequena clareira justo por onde antes dela Negrinha entrara triunfante. Sua pele branca e os cabelos loiros, nunca vistos antes, impactam e apavoram e alguém grita, com temor, *anati*. Logo recebeu o mesmo tratamento honroso dispensado a Negrinha, coisa até então inconcebível em se tratando de grupo tão feroz e arredo ao visitante como esse que morava ali nessa localidade para os lados do Mato Castelhana.

Claro, sua estranha e poderosa demonstração de força realmente impressionara adultos, jovens e crianças que a observavam com atenção. Acontece que o enorme porco do mato albino, com descomunais presas escapando pela boca, tido como possuído por forças do mal, aparecera, como sempre, de repente. E o animal, que se dirigira em disparada na direção da recém-chegada estancara a dez centímetros dela, produzindo enorme estrondo, como se tivesse batido numa parede de pedras. Foi alvoroço nunca visto entre a bicharada: quem tinha asas voou, quem tinha perna correu em desabalada, quem não tinha asas nem pernas escafedeu-se rápido, do seu jeito, abandonando o lugar. Esse porco albino, muito grande para os padrões da raça, infernizava a vida de todos e andava atacando os viventes do lugar e já aleijara várias pessoas, principalmente, crianças que haviam atravessado o seu caminho.

Dominar como dominara o terrível bicho, só podia ser coisa de quem tivesse a força dos espíritos. Nesse instante foram criadas as condições para transformá-la em lenda na região.



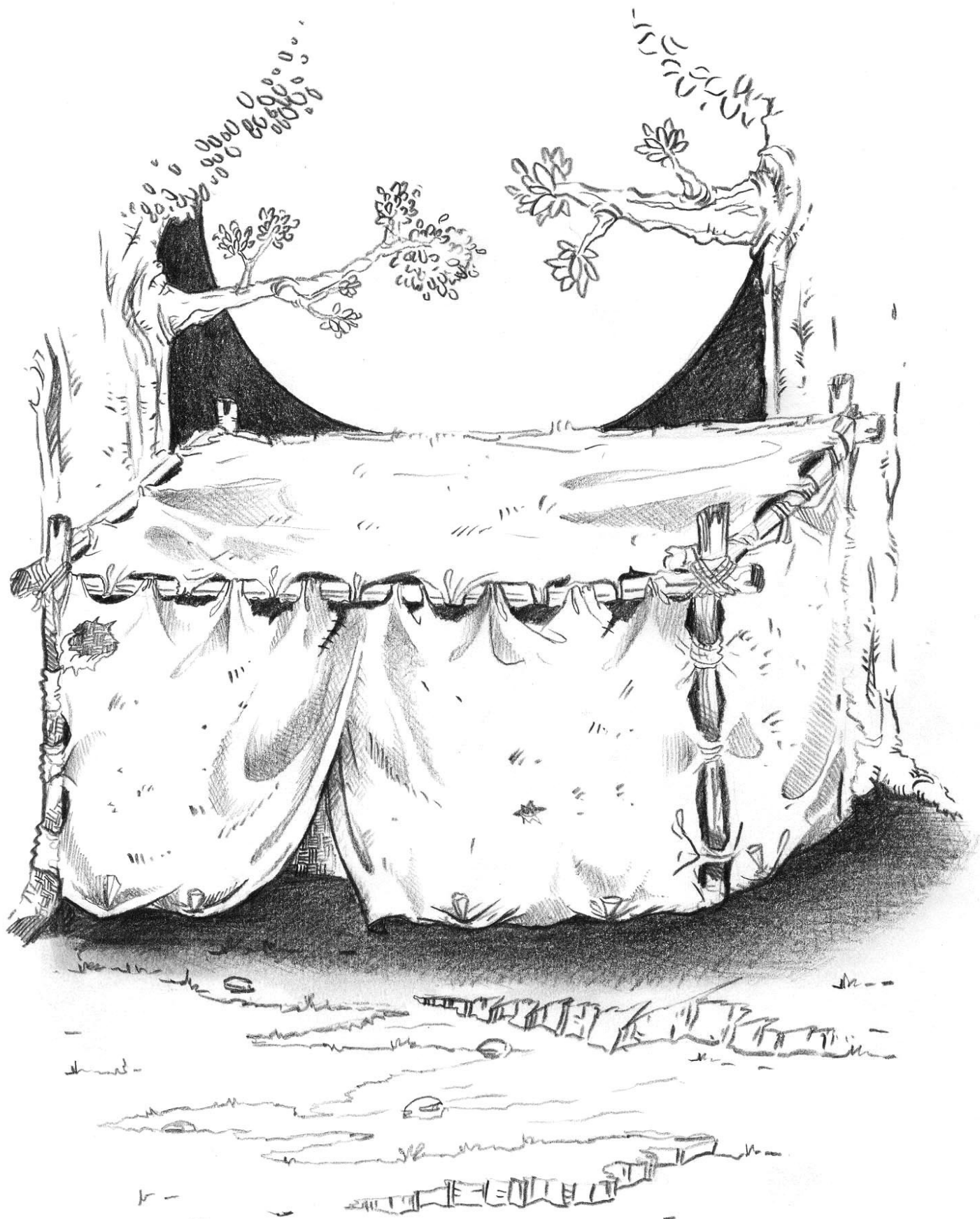
Medo e esperança de mãos dadas



Duas cegas e duas mudas, ou melhor, duas jovens mulheres que optaram por não falar, uma negra e outra branca, aportando naqueles cafundós, sem mais nem menos, em tão pouco tempo, só poderiam arrepiar os nativos. Arrepiar mais ainda aqueles que conheciam a história de um passado remoto sobre o sonho de uma menina da tribo falando nas icambiabas. As duas mulheres, pela casa dos vinte anos (quem vai saber com exatidão?), fixaram-se juntas, próximo à nascente-mãe do rio Jacuí, não muito longe de uma nascente do rio Passo Fundo. E, por descabido que pareça, não mantinham relações estreitas, no dia a dia, com as pessoas do lugar. Há quem diga que elas se tornaram guardiãs dessas águas e por isso que essas nascentes não desapareceram como aconteceu com muitas da região, mas isso já é outra história. Levavam vida de semiclausura, pacata, com alguma aura de mistério, recebendo com carinho quem as visitasse.

Essa recatada distância e mais o que relatavam quem com elas mantinha contato, sempre em busca de alguma benesse, ajudou a construir a lenda ao redor delas. Por um bom tempo houve total paz nas redondezas e ambas eram ajudadas pelos moradores em suas necessidades de alimentos e de abrigo. Desde que as duas estranhas ali se fixaram, a caça se tornou mais farta, o pinhão mais abundante, a jabuticaba mais doce, a roça de milho nunca mais falhou, as doenças eram raras, o porco albino sossegou e não mais se registraram mortes em partos.

O clima de tranquilidade quebrou-se sem explicação plausível – ainda hoje, com todo o avanço da ciência, não temos explicações para muitas das coisas estranhas que acontecem ao nosso redor, imaginem naquele tempo – e por isso foi interpretado como maldição o fato de as mulheres do lugar deixarem de engravidar. E, de certo modo, era a confirmação do sonho da menina e das alucinações do curandeiro. A ausência de nascimentos, prenúncio do fim do grupo, gerou terror. As pombas reproduziam-se às pencas, o tatu também, as cobras multiplicavam-se, os cardumes proliferavam, os gaviões aumentavam sua população, as aranhas idem, até outros porcos do mato albinos nasceram. Enfim, enquanto a natureza toda ao redor desabrochava com efervescência nunca antes vista, os humanos não conseguiam garantir a perpetuação da própria espécie. No quinto ano consecutivo sem nascimentos, o pavor havia se transmutado em desânimo. O lugar foi sendo envolvido por um silêncio triste, aquele silêncio típico de quem não mais espera qualquer coisa do amanhã; a alma das pessoas parecia estar murchando. Dos céus nenhum sinal. Os deuses teriam se esquecido desse recanto do Planeta?



É nessa circunstância que Negrinha e Branquinha são procuradas pelas mulheres mais velhas do lugar: será que as duas poderiam fazer algo para evitar o pior? Elas nunca haviam parado para pensar nisso! Será que podiam? Duas luas depois desse encontro veio o anúncio: elas se empenhariam na tarefa de acabar com essa maldição. Nesse período de duas luas, elas teriam estado com todos os espíritos – os espíritos das águas, do fogo, das matas, dos ventos, dos animais e da terra – e recebido o poder de livrar o lugar da maldição imposta por razões nunca reveladas. E, no que foi tido como o maior milagre de todos, ambas recuperaram a capacidade de falar. O que passou na intimidade da cabana próxima da nascente mãe do rio Jacuí jamais foi revelado. Sabe-se que, primeiro, o cacique e, depois, o curandeiro permaneceram dois dias isolados com as cegas.

Sabe-se que todos os solteiros, de qualquer idade, estiveram, por um dia e uma noite, reunidos com as cegas. Sabe-se que isso ocorreu também com as solteiras de qualquer idade. Sabe-se que as casadas retornaram à cabana para um encontro com Negrinha e Branquinha. Depois saíram a colher e depositar na cabana todo tipo de erva medicinal. Sabe-se que por último os casados, um de cada vez, hospedaram-se durante o período de uma lua nova ou uma lua crescente na cabana, ficando completamente isolados. O único ritual visível é que, enquanto o marido permanecia recluso, sua esposa era obrigada a levar uma cabaça de água limpa, cristalina e fresca, do rio Jacuí todos os dias e colocar na porta de entrada da cabana das duas mulheres cegas. Dessa hospedagem os homens saíam radiantes, como que envoltos em aura de luz, e com a capacidade reprodutiva recuperada.

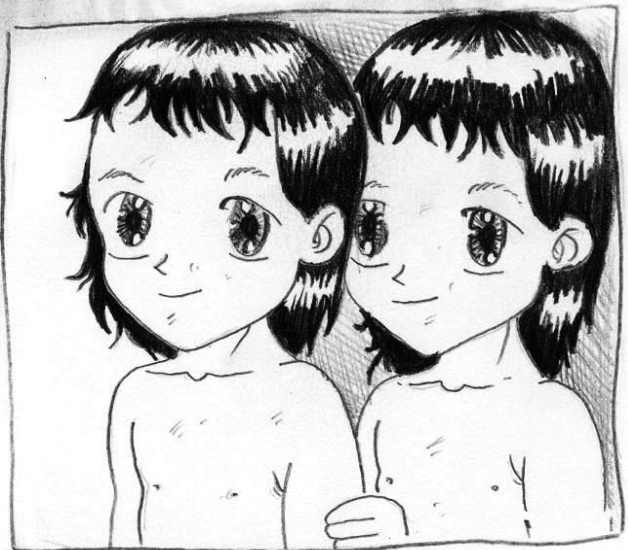
Findo esse ritual que durou alguns anos, a normalidade retornou e o trauma vivido, ao ver a extinção muito próxima, fez o grupo tornar-se mais afável entre si e, em decorrência, mais receptivo e atencioso com os estranhos, a quem antes tratavam muito mal, quando não os matavam. Os nativos passaram a tolerar os passantes e não se opunham se alguém, de outras paragens, desejasse se fixar ali ou nas imediações. As duas cegas, entre outros ensinamentos que deixaram para a posteridade, diziam que a dor tem essa capacidade de mudar as pessoas e de torná-las mais tolerantes, mais sábias, mais doces. Assim como a morte muitas vezes antecede o surgimento de uma cidade, a dor antecede a bondade e, para sofrer menos no futuro, é imprescindível tirar lições da dor quando ela é inevitável.



Esses acontecimentos, em especial o fato de Branquinha e Negrinha acolherem como hóspedes todos os moradores da localidade e cuidarem cada um com raro zelo, fez a fama das cegas e foi a semente que originou a fama de Passo Fundo ser lugar hospitaleiro.

A partir disso, a maioria dos forasteiros que por aqui passava ou se fixava, fazia questão de falar com as duas mulheres. E os relatos de homens e mulheres de como elas podiam enxergar acontecimentos ao longe, de como curavam as doenças, de como faziam casamentos, da capacidade de antecipar perigos, entre outras manifestações de poder e força, tornaram-se comuns.

Os machos, em seus relatos mais povoados de sonhos e desejos, nunca deixavam de se referir à exuberante beleza e altivez que Branquinha e Negrinha ostentavam.



Um dia, após sucessão de eventos tidos como fantásticos – eclipse lunar, chuva de granizo, cometas luminosos cortando a escuridão da noite e o nascimento de gêmeas, acontecimentos jamais vistos antes, nem por relato de ancestrais – ambas aparecem diante do povo, ostentando avançada gravidez. Um a um, os homens, as mulheres, os velhos, os jovens, as crianças, fitaram-nas com espanto e admiração e foram ajoelhando, curvando o corpo e levando a cabeça até o chão, em sinal de veneração.

Sem que alguém erguesse a cabeça e sem qualquer tipo de despedidas as duas velhas desaparecem. Uma desceu o Jacuí e outra o Passo Fundo, seguindo para nova trajetória de vida. Diz a lenda que teriam parado já no mar, que é onde param nossas águas após longos passeios, uma depois de passar pela Lagoa dos Patos e outra pelo Rio da Prata. Delas nunca mais se soube e os causos a respeito foram rareando, ficando o culto à hospitalidade, que foi passando de geração para geração, como o traço mais forte desta querência denominada de Passo Fundo.

Ser a figura que toca o mapa para desbravá-lo é coragem,
mas ser o ponto colorido do mapa que acolhe é nobreza.

Passo Fundo aceitou ser chamada de “nossa”,
ela se apresentou e propôs-se a acolher.
Ela é o ponto do mapa onde, menina, marquei:
“quando eu for grande quero morar aqui!”



Nara Marley Aléssio Rubert

Apoio cultural:

